

Estudos do Trabalho

Ano X – Número 24 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Representação do Trabalho na Construção Civil Pesada: Prazer ou Sofrimento?

Edna Gasperini¹
Priscila Regina Rigotti²
Giuliano Derrosso³

RESUMO

O trabalho sempre foi visto como uma tarefa complicada e que necessita de dedicação para conseguir realizar e finalizar. Quando esta palavra associada ao emprego nota-se a importância que traz ao significado e à vida das pessoas, além de colaborar para a mudança na visão de mundo. Este artigo quer compreender a representatividade do seu trabalho/emprego para os trabalhadores da construção civil pesada no trecho da BR 277, além de tentar entender a maneira como eles vivenciam e dá sentido as suas experiências ao longo da vida nesta atividade, que é visto pela sociedade como árduo. Buscou-se observar como os trabalhadores classificavam seu trabalho em prazer e/ou sofrimento, fazendo indagações e entrevistas no próprio local de trabalho, para que pudesse complementar e vivenciar o seu dia-a-dia. A subjetividade também foi abordada com o intuito de salientar a importância da individualidade na leitura das produções por cada sujeito.

1 INTRODUÇÃO

Cada vez o trabalho exige mais das pessoas, seja flexibilidade de horário, disponibilidade para deslocamentos diários, desdobrar em vários empregos ou até mesmo se

¹Pós Graduada em MBA Gestão Estratégica de Pessoas do Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. Endereço: Rua Castro Alves, n. 255 Centro São Miguel do Iguaçu/PR. 45 9946-8089 Email: ednaitaipu@hotmail.com.

²Pós Graduada em MBA Gestão Estratégica de Pessoas do Centro Universitário Dinâmicas das Cataratas – UDC. Endereço: Rua Alfredo Chaves, n.º 55. São Miguel do Iguaçu/PR. 45 9955-1096. Email: Priscila.rigotti@hotmail.com

submeter a grandes mudanças de vida. Todas estas exigências acabam influenciando o ser humano e transformando sua subjetividade a cada nova mudança. Pensando nisto, este artigo traz a indagação: Como é a representação do trabalho para os trabalhadores da construção civil pesada no segmento de estradas e rodovias? Tendo como objetivo geral, compreender o significado que o indivíduo entrevistado traduz como seu trabalho e o expor a reflexões sobre prazer e sofrimento do mesmo, lembrando que eles precisam se afastar de suas famílias e muitas vezes se deparam com realidades diferentes as da sua cidade de origem em busca de emprego. Os objetivos específicos se definem pela entrevista com os colaboradores no seu local de trabalho, leitura e discussão dos temas e análise dos dados coletados.

O trabalho na construção civil se divide em duas áreas: leve e pesada. A primeira engloba todos os empreendimentos imobiliários, obras de edificações, tais como casas, templos e todos os tipos de edifícios (obras que não são de infra-estruturas). Já a construção civil pesada corresponde às grandes obras de infra-estrutura, tais como: construção, recuperação, reforço, melhoramento, manutenção, sinalização, conservação e operação de estradas, barragens, hidrelétricas, termelétricas, metrô, ferrovias, hidrovias, túneis, eclusas, dragagem, drenagem, aeroportos, portos, canais, dutos, montagem industrial, pontes, viadutos, obras de saneamento, aterros sanitários, pavimentação e obras de terraplenagem em geral. As atividades desta modalidade são caracterizadas por uma substantiva intensidade em capital e tecnologia e pela necessidade de se operar em grande escala, há aplicação maciça de insumos, máquinas, enquanto na construção leve prevalece a aplicação de mão de obra. Para estes serviços são recrutados trabalhadores braçais, que se sujeitam a ficar quase toda sua rotina diária na construção, expostos a variações climáticas, operando máquinas e outros equipamentos complementares para execução das obras. Este segmento tem participação direta e ativamente na economia e construção do país, cerca de 10% do PIB Nacional.

Titton e Nardi (2011) (apud MORO e AMADOR, 2015), assim como objetivo deste artigo também entendem que é necessário compreender a maneira como as pessoas vivenciam e dá sentido as suas experiências, principalmente como são constituídos sujeitos no seu contexto de trabalho e suas relações. Estas reflexões são formadas a partir da construção da subjetividade, que para Félix Guattari,

“(. . .) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo (Guattari&Rolnik, 1996, p. 31)’. Já, de início, o autor esclarece que a subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro.” (MANSANO, 2009, p.111)

Assim como também afirma Veronese (2006) a noção de subjetividade é “antes de ser uma propriedade individual, é instância coletiva, social e histórica”. Associando a Foucault (2002, apud RAMMINGER e NARDI, 2008), quando diz que o homem não deixou de construir sua história ao longo da sua construção, em uma série múltipla e infinita de subjetividades que nunca alcançam um final. Diante disso, quer se observar por meio da subjetividade de cada trabalhador entrevistado, a maneira de como é representado para si o seu trabalho, não eliminando sua vivência, aprendizado e experiências adquiridas ao longo de sua história.

O significado do trabalho é total dependente de como o indivíduo o representa. Elas “traduzem os acontecimentos históricos e, com isso, devemos entender que elas traduzem a história passada, as expectativas futuras, mas também o cotidiano” (MAHEIRIE, 2002) que está no centro da vida social. Segundo Marx (1983, apud WOLECK, S/D) o trabalho é uma maneira de demonstrar como o homem forma suas relações sociais e das idéias, além de compreender como ele lida com a natureza e com o processo com o qual sustenta sua vida.

Diante desta visão, a relação entre prazer e sofrimento no trabalho aparece de maneiras diferentes para cada indivíduo. Correa e Saraiva (2000, apud MARTINS e OLIVEIRA, S/D) afirmam que “o trabalho é essencial ao crescimento, desenvolvimento e sobrevivência do ser humano e, ainda, fonte de prazer”, assim como Dejours (1980, apud BRITO et. al, 2012) onde também defende que o trabalho não é apenas sofrimento e fonte de doenças, mas também pode ser visto como prazer.

Além disto, a construção da idéia de trabalho ser considerada como necessária e substancial ao ser humano vem sendo moldada e transformada ao longo dos anos, inicialmente como algo para os pobres e escravos e hoje carregada do significado que onde se não trabalha, não há dignidade. Como consequência da necessidade do trabalho para a sobrevivência, De Masi (2001) ilustra em uma metáfora, o que os trabalhadores acabam fazendo todos os dias para conseguirem manter-se em seu competitivo trabalho, conforme são alienados pela sociedade,

“Toda manhã, na África, uma gazela desperta. Sabe que deverá correr mais depressa que o leão ou será morta. Toda manhã, na África, um leão desperta. Sabe que deverá correr mais do que a gazela ou morrerá de fome. Quando o sol surge, não importa se você é um leão ou uma gazela: é melhor que você comece a correr.” (p.25)

Em cima disto, justifica-se este artigo sob a idéia de compreender o trabalho e os bastidores desta atividade que ainda é desvalorizada pela sociedade, focando na

representação e no prazer e sofrimento destes trabalhadores que transformaram suas vidas para poder ter um emprego.

3 BASE TEÓRICA

3.1. SUBJETIVIDADE

Este termo entra neste artigo com o intuito de explicar a importância do indivíduo no trabalho, sendo visto não apenas como mais um braço, mas como um ser humano que tem suas vivências, prazeres e sofrimentos.

“A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI, 1992, p.33), e vem sendo cada vez mais explorada e difundida entre as pesquisas e o meio social. Está ligada a psicologia, trazendo a discussão para o ser humano como único e especial, com suas vivências, desejos, sonhos, aprendizados, medos, percepções, lembranças e tudo o mais que o agrega ao longo da vida.

Deleuze (1995 apud SOARES; MIRANDA, 2009) traz o conceito de Rizoma para compreender o processo da subjetividade humana, saindo da visão vertical (altura e profundidade, fundamento e aliança) para a visão horizontal, assim como explica no trecho a seguir:

“Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveáveis. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore- imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore.[...] É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] O rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão no rizoma é uma relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de "devires".” (DELEUZE, GUATTARI, 1995)

Sendo assim, o autor complementa que não se confere ao indivíduo “a identidade”, mas “uma identidade”, pois sua subjetividade está em constante mudança, muda-se enquanto

experimental, o sujeito se constitui do dado, sendo assim um sujeito prático, como afirma Deleuze (2001 apud SOARES, MIRANDA, 2009).

Além da sua própria experiência, pode-se dizer que o sujeito se constitui não somente de suas subjetividades e sujeitos, mas também na “experiência social, em seus trajetos singulares na sua família, na escola, na rua, no seu corpo, na caserna, no escritório” (SOARES, MIRANDA, 2009). A subjetividade não é a totalização ou centralização do indivíduo, deve-se negar a imposição da individualidade que foi imposto, pois ela é essencialmente fabricada e modelada no registro do social com a ajuda do capitalismo, (MIRANDA, 2005) que cada vez mais transforma o sujeito em um ser induzido por ideologias políticas, dizendo onde tudo se diz o que e como fazer, produzindo

“os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro- em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo”.(GUATTARI, ROLNIK, 1999, p.42 apud SOARES, MIRANDA, 2009)

Ramminger e Nardi (2008) comentam que com as mudanças corriqueiras da subjetividade, as formas de poder e de trabalho também sofreram alterações, definindo diferentes modos e processos de subjetivação. Desta maneira, “quando falamos dos modos de subjetivação de uma categoria de trabalhadores, estamos nos referindo ao modo predominante e a como os trabalhadores relacionam-se com o regime de verdades que atravessa seu trabalho” (p.342), ou seja, como é o seu reconhecimento como trabalhador. Ao contrário do processo de subjetivação que se entende como “cada trabalhador vivencia essa relação em sua trajetória particular” (p.342).

Desta maneira, o trabalho não deve ser analisado somente em “relação às técnicas de produção e dominação” (p.341), mas considerando a maneira como os indivíduos vivenciam e dão sentido as suas próprias experiências de trabalho. “Essa diferença nos possibilita pensar que podemos nos constituir de múltiplas formas e inventar novas estilísticas da existência, não restritas ao julgamento permanente do tribunal do mercado. Mostrar que somos mais livres do que pensamos, como ele mesmo afirma, quando busca dar um sentido a sua obra.” (FOUCAULT, 1994; LEMKE, 2001 apud RAMMINGER, NARDI, 2008. p. 344).

Á vista disto, a distinção entre prazer e sofrimento sobre o trabalho, assim como seu significado, para cada indivíduo é representado e vivenciado de maneira diferente.

3.2. SIGNIFICADO DO TRABALHO

No sentido popular, a palavra trabalho sempre é associada a esforço físico, porém, além disto, o esforço mental também é afetado. Pode-se perceber na própria conotação da palavra, onde caracteriza algo penoso e indesejável (“tripalium”, instrumento de tortura feito com três paus). Contudo, o trabalho pode ser repleto de emoção, lembrar dor, tortura, ter suor do rosto, fadiga, em outras ações o trabalho se transforma em mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação, oscilando e parecendo descomplicado aos olhares dos espectadores. (ALBORNOZ, 2012)

O trabalho faz parte da vida humana desde sempre, podemos mencionar que já na antiguidade o homem buscava sua identidade com o trabalho, onde era tido como subsistência. Hoje percebemos que não é diferente, com o modo capitalista ele passa a ser visto como uma mercadoria e uma forma de sempre produzir cada vez mais, alterando “significativamente a relação dos sujeitos com o trabalho. Ou seja, é um processo que compatibiliza mudanças nas relações de produção e de trabalho, redefinições nos papéis do Estado e das instituições financeiras, visando a garantia da lucratividade e a passagem de um capitalismo de cunho industrial para um de cunho financeiro” (CATTANI, 2002; SANTOS, 1996 apud VERONESE, 2006).

Segundo BRIEF e NORD (1990 apud MORIN, 2001), o trabalho pode ser definido de várias maneiras, o elemento que reúne os múltiplos significados é uma atividade que tem um objetivo. Geralmente, essa noção designa um gasto de energia mediante um conjunto de atividades coordenadas que visam produzir algo de útil (FRYER, PAYNE, 1984; SHEPHERDSON, 1984 apud MORIN, 2001). O trabalho pode ser agradável ou desagradável, como cita Albonoz (2012)

“Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra trabalho ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida, e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incomodo inevitável”. (p.9)

Compreender os sentidos do trabalho hoje é um desafio para os administradores, tendo em vista as diferentes transformações que as organizações têm atingido. O trabalho hoje também é um esforço planejado e conserva um lugar importante na sociedade. Para a pergunta: “se você tivesse bastante dinheiro para viver o resto da sua vida confortavelmente sem trabalhar, o que você faria com relação ao seu trabalho?”, mais de 80% das pessoas respondem que trabalhariam mesmo assim (MORSE, WEISS, 1955; TAUSKY, 1969;

KAPLAN, TAUSKY, 1974; MOW, 1987; VECCHIO, 1990 apud MORIN, 1997:). As principais razões são as seguintes: para se relacionar com outras pessoas, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e para se ter um objetivo na vida, ou seja, o trabalho representa um valor importante. (MORIN 2001, p. 9).

Hackman e Oldham (1976, apud JOB 2003, p. 36) apontam três características que contribuem para dar sentido ao trabalho:

“1. Variedade das tarefas: é quando um trabalho requer uma variedade de tarefas que exigem, por sua vez, uma variedade de competências; 2. A identidade do trabalho: é quando um trabalho permite a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível e identificável; 3. O significado do trabalho: é quando um trabalho tem impacto significativo sobre o bem estar ou sobre o trabalho de outras pessoas, seja em sua empresa, seja no ambiente social.”

Percebe-se que o significado e as atribuições que damos ao trabalho são relacionados de maneira singular a cada indivíduo, observando a sua subjetividade experiências.

3.3. PRAZER E SOFRIMENTO

O ser humano é movido por sonhos e expectativas para tudo em sua vida, não poderia ser diferente em relação ao trabalho, uma vez que colocamos o trabalho em um patamar de suma importância. O homem projeta muitas vezes sobre a sua atividade uma expectativa de resoluções dos problemas tanto para sua manutenção financeira como para realização pessoal e profissional. Na dinâmica da auto-realização, o sujeito muitas vezes transfere o reconhecimento do seu trabalho para a construção de sua identidade, sendo construída sua conexão da saúde mental.

Nas últimas décadas testemunhamos os aumentos tecnológicos, desenvolvimento dos meios de comunicação e conseqüentemente a transformação no mundo político, social e econômico, refletindo diretamente no mundo do trabalho cujas relações tiveram notáveis mudanças tanto nos indivíduos como nas organizações. Contudo, convém destacar desde já que esta relação sofrimento e organização nem sempre trilham o mesmo caminho, e que o trabalho também pode ser fonte de prazer e satisfação, como afirma Chanlat (1996).

Com este artigo através da psicopatologia do trabalho buscamos compreender o conceito de “prazer” e “sofrimento” no trabalho. O estudo do possível efeito que o trabalho exerce sobre a saúde mental dos indivíduos não é temática recente, (CHANLAT, 1996) pois desde os anos cinquenta foram realizadas as primeiras pesquisas em psicopatologia do trabalho dedicadas ao estudo das perturbações psíquicas fomentadas pelo trabalho. Esta pesquisa tinha como base entrevistas individuais, e referida ao modelo teórico da psicologia

pavloviana que refere se ao comportamento (reflexo condicionado) citado alguns exemplos por uma equipe de clínicos responsáveis pela pesquisa onde descrevem síndromes estreitamente associados a situação do trabalho “neurose das telefonistas” (operadoras de centrais telefônicas) “neurose dos mecanógrafos” (LE GUILLANT, 1993, apud CHANLAT, 1996). Foram também publicados estudos sobre os problemas psicológicos enfrentados pelos mecânicos de estradas de ferro causado pelos efeitos e condições as quais os trabalhadores eram expostos em suas atividades um trabalho repetitivo sobre pressão de tempo. (DEJOURS, 1980 apud CHANLAT, 1996)

Chanlat (1996) afirma que o avanço da psicopatologia do trabalho se deu a partir do reconhecimento da normalidade dos trabalhadores em situação de trabalho, tornando a normalidade como um enigma: descobrir apesar das diversas situações do trabalho o que os indivíduos fazem para preservar seu equilíbrio psíquico e manter-se na “normalidade”. A partir desta constatação a investigação da psicopatologia do trabalho mudou de direção não mais a “doenças mentais” e sim as estratégias elaboradas pelos trabalhadores para enfrentar mentalmente a situação de trabalho. Diante do novo contexto Dejours, (1980, p.151, apud CHANLAT) definiu a normalidade como o equilíbrio psíquico entre constrangimentos desestabilizantes, ou patogênicas, e defesas psíquicas, além de completar afirmando:

“O equilíbrio seria o resultado de uma “regulação” que requer estratégias defensivas elaboradas pelos próprios trabalhadores. Mesmo sendo testemunhos de que a doença mental foi colocada a distancia, o equilíbrio, a estabilidade, a normalidade não são, entretanto dados naturais. São antes o indicio de uma *luta* contra a doença mental. A normalidade conquistada e conservada pela força é ao contrario inteiramente trespassada pelo sofrimento. O sofrimento é então definido como o espaço de luta que cobre o campo situado entre, de um lado, o “bem estar” e, de outro, a doença mental ou a loucura.”(p.154)

Na visão de Dejours (1980, p.151, apud CHANLAT, 1996) os sofrimentos não se apresentam de uma única maneira, contudo, existem 4 fatores e eles podem estar associados: ‘dimensão diacrônica’, que é a história psíquica própria de cada indivíduo; ‘dimensão sincrônica’, sofrimento atual que ocorre quando há o reencontro do sujeito com a conjuntura do trabalho; ‘sofrimento criativo’, capacidade do ser humano que as vezes na luta contra o sofrimento elabora soluções originais que no geral são concomitantemente favoráveis a produção e a saúde; e por último o ‘sofrimento patogênico’, que ao contrário do primeiro, o sujeito chega a soluções desfavoráveis tanto para a produção quanto para a sua própria saúde.

Garcia e Mendes (2004 apud CASTRO, 2008) afirmam que o sofrimento no trabalho instala-se quando a realidade não oferece possibilidades de gratificação dos desejos do

trabalhador. As frustrações de suas expectativas acontecem inicialmente logo que o mesmo adentra nas organizações uma vez que a propaganda do mundo do trabalho promete felicidade, e satisfação pessoal e material. (DEJOURS, 1998 apud RODRIGUES, ALVARO, RONDINA, 2006).O autor ainda afirma que

“as relações de trabalho, dentro das organizações, frequentemente, despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho.”

Já o prazer deriva-se da conexão entre trabalho, necessidades e desejos psicológicos do trabalhador, obtendo esta satisfação conseqüentemente e um melhor funcionamento do aparelho psíquico do trabalhador. Portanto o prazer e sofrimento estão diretamente ligados à atividade executada e ao contexto da organização. (GARCIA, MENDES, 2004, apud CASTRO, 2008).

A busca pela saúde continua sendo fonte de pesquisa no campo da psicodinâmica do trabalho, neste caminho, Mendes (2007, p.42, apud ROIK, PILATTI, 2009) afirma que “o desafio que se coloca, a despeito do sofrimento, consiste em investigar os impactos da flexibilização do capital no mundo do trabalho, se ainda é possível ter saúde e o que rege essa possibilidade”.

A psicodinâmica aborda o trabalho como fonte de prazer e sofrimento, sendo que o sentido do trabalho é tido através das vivências de prazer e sofrimento, interpretada diferentemente por cada indivíduo. A contribuição que a psicodinâmica exerce no processo da busca pela saúde no trabalho é a sua intervenção sobre as organizações, mostrando com isso que a psicodinâmica vai além da teoria e pesquisa, é um modo de ação sobre a realidade. Interceder na organização do trabalho “permite aos sujeitos subverter o sofrimento, transformando-o em sentido, em inteligibilidade e em ação, o que não significa anular o sentimento, mas transformá-lo no prazer da reapropriação do vivido pela ação” (MENDES, 2007, p.43, apud ROIK, PILATTI 2009)

Os autores ainda afirmam que as situações causadoras de sofrimento podem ser transformadas e vivenciadas como uma fonte de prazer por meio da motivação subjetiva, onde o sujeito faz uso da sua subjetividade, sua inteligência pratica e do coletivo de trabalho resgatando o sentido da sua atividade.

O sofrimento na visão da psicodinâmica do trabalho antecede ao encontro com a situação do trabalho, direcionando o sujeito a busca da auto-realização e construção da sua identidade o que emerge prazer. No entanto, Mendes (2007, p. 45 apud ROIK, PILATTI 2009) alerta que

“ao mesmo tempo que o reconhecimento é um dos modos de fortalecimento da estruturação psíquica e da saúde , pode ser um modo de captura dos trabalhadores nas armadilhas da dominação. O trabalho na sua centralidade exerce papel fundamental para a realização do sujeito , e essa condição é usada pela organização do trabalho para fazer o trabalhador se engajar na produção. A organização do trabalho promete utilizar o trabalho como forma de auto-realização levando o trabalhador muitas vezes a exaustão em nome dessa promessa”.

3.4. O TRABALHADOR E OS AVANÇOS DOS VALORES DA SUA MAO-DE-OBRA

No teatro do trabalho apresenta-se “seu enredo”: a estrutura de poder e hierarquia, preconceitos, valores, o “cenário”: o macro ambiente, o desemprego, a instabilidade, as incertezas, e até mesmo os “espectadores”: família, amigos e os adversários, não podendo deixar de citar seus “personagens”: patrão, supervisor, colega de trabalho, e é claro o protagonista: o trabalhador. (DEJOURS, 1980, apud RODRIGUES, ALVARO, RONDINA 2006)

Há décadas que o desenvolvimento e transformação no mundo do trabalho não são lineares, os padrões de explorações aconteciam simultaneamente, em diversos modelos de desenvolvimento, modernização e reestruturação da economia, as formas repressivas e violentas de exploração da força do trabalho, através de praticas ‘abusivas’ de agentes e setores ‘atrasados’ do capitalismo selvagem. (ESTERCI, 2008)

No Brasil isto também não foi diferente, pois parecia claro reintegrar a pratica de imobilização da força de trabalho “além de baixar o custo da mão-de-obra, gerou vários outros efeitos. Retardou a instauração do padrão contratual de trabalho, diminuiu o poder de negociação dos trabalhadores e opôs obstáculos a consolidação da identidade de assalariados dos trabalhadores, ao reconhecimento dos seus direitos e das entidades de representação.” (ESTERCI, 2008, p.59-60).

Graziano e Martine (1981, 1989 apud ESTERCI, 2008) citam que no final da década de 60, ocorre a “modernização”, período este onde ocorreu a industrialização da agricultura brasileira, que passou a fazer parte do mercado não só de bens de consumo, mas também de meios industriais de produção. Com a modernização e avanços, os benefícios dos trabalhadores também estavam a caminho, e os patrões que expulsavam os trabalhadores de suas terras começavam a sentir-se ameaçados, pois a mobilização dos trabalhadores em prol a seus benefícios ganhava força, apoiada por organizações partidárias e eclesíásticas. (MEDEIROS, 1989, apud ESTERCI, 2008, p.64).

Segundo Maya (2008) desde a metade do século passado, a luta pela redução da jornada de trabalho faz parte do movimento dos trabalhadores, ainda hoje ela é incluída na pauta de reclamações de quase todos os sindicatos, especialmente os operários.

“Além das lutas pela terra, que se tornaram a marca dos anos 50, as lutas salariais (...) persistiram. (...) Permaneceu viva a demanda pelos direitos, privilegiando os canais legais. Por tais direitos entendiam-se os já assegurados aos assalariados urbanos, através da CLT: (...) O caminho seguido de uma jurisprudência muitas vezes favoráveis aos trabalhadores.” (MEDEIROS, 1989 apud ESTERCI, 2008, p.64),

Nas sociedades industriais esse ‘benefício’ já vem acontecendo, se verificarmos a classe trabalhadora de hoje, em relação à duração da sua jornada de trabalho em comparação com a do século passado, onde se tinha uma carga horária de quatorze horas ou mais, o trabalhador moderno tem mais tempo livre. Entre o trabalho e o tempo livre existe uma conexão “afinal tempo de trabalho e tempo de não trabalho é exatamente do que se compõe a vida dos indivíduos”. (MAYA, 2008. p.31)

Ainda segundo o autor, o pensamento liberal é hegemônico na sociedade capitalista, que exalta a estrutura em que “o trabalho enobrece, ricos são os que trabalham mais” enquanto que ao tempo livre atribuem o estigma do desvio social “o ócio é pai de todos os vícios”. Sendo assim, todo o esforço e interesse do indivíduo devem se voltar para o trabalho, e o processo de socialização prepara verdadeiramente o trabalhador para essa realidade. (MAYA, 2008, p.31) A exaltação do trabalho feita pelo discurso ideológico dominante funciona como contrapartida da desvalorização do trabalhador. Na medida em que, para a maioria dos membros da sociedade trabalho é sinônimo de sofrimento. Por conta disto é preciso ‘dourar a pílula’, colocando nas mentes dos trabalhadores a idéia de que o homem digno é aquele que trabalha e aqueles que não o faz estão destinados ao fracasso.

“Assim, entende-se porque o trabalho foi sendo enaltecido, disciplinado, cronometrado, administrado sob a perspectiva a acumulação, culminando na célebre expressão: “tempo é dinheiro”; o não trabalho é visto como dupla perda: de tempo e de dinheiro; daí a hostilidade contra feriados, carnaval, Natal emendando com Ano Novo, Copa do Mundo, Semana Inglesa, etc. Se o que conta é o dinheiro, o tempo de não trabalho só tem sentido como repositores de energia para o trabalhador” (OLIVEIRA, 1986 apud MAYA, 2008, p.32).

Contudo, o trabalho é o que difere o homem do animal, está na sua origem, pois foi necessário cooperar com a sobrevivência, além de ser a exteriorização da sua personalidade. Apesar disto, o trabalhador nunca deixará de lutar pelos seus direitos e por uma melhor qualidade de vida. (MAYA, 2008)

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste artigo será usada a metodologia qualitativa, objetivando compreender a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Seu foco será a discussão entre teoria e prática, onde serão entrevistados 10 colaboradores (carpinteiros, motoristas e soldadores) de uma empresa da construção civil pesada responsável pela duplicação de um trecho da BR 277, onde os mesmos se alojam em casas mantidas pela empresa, assim como sua alimentação. Todos os entrevistados e a grande maioria dos empregados foram convidados a trabalhar neste trecho mesmo tendo residência em outra cidade, para isto deixaram suas famílias na sua cidade natal e aceitaram o trabalho oferecido.

Para a realização do trabalho, foi escolhida a pesquisa qualitativa como “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010 apud ARAÚJO, 2013), desta maneira, esperam-se que os pesquisadores tenham atenção especial as observações e aos jogos de linguagem obtidos durante as entrevistas. Assim como afirma Marconi e Lakatos (2010 apud ARAÚJO, 2013) que esta abordagem objetiva compreender a “complexidade do comportamento humano” (p.3), podendo fornecer análises detalhadas sobre as atitudes e tendências do comportamento do entrevistado, percebendo assim que sua ênfase é “nos processos e significados” (p.3).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo do artigo serão analisados os resultados com as entrevistas coletadas durante a pesquisa entrelaçando-as com o conteúdo do trabalho. Usando sempre a visão dos colaboradores para compreender sua percepção em prol dos temas abordados.

Foram entrevistados 10 colaboradores no dia 12 de Julho de 2016 no período da tarde, na própria Rodovia BR 277, onde os mesmos estavam trabalhando na construção da passarela, trincheiras e contenção da rodovia (ANEXO 1), desta maneira podemos ver de perto como é o seu trabalho e algumas das dificuldades que enfrentam (excesso de poluição sonora e poeira). Todos os trabalhadores entrevistados foram escolhidos por morarem em outras cidades e que ficam instalados em alojamentos enquanto estão na obra. Aqueles que moram no estado do Paraná, trabalham 45 dias na obra e são liberados 5 dias para ir para sua cidade, já os que moram em outros estados do país trabalham 6 meses e são liberados 15 dias para voltar para sua cidade. Todos cumprem horário de acordo com a CLT e o sindicato SITRAPAV, responsável pelo segmento de estradas e rodovias.

5.1. APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA DOS SUJEITOS⁴

Leonardo é o primeiro entrevistado. Tem 25 anos, tem um filho de 7 anos, é carpinteiro, mora em Diamante do Oeste/PR e trabalha desde 2008 na construção civil pesada, e a 4 meses nesta obra, pode-se perceber sua empolgação em relação aos prazeres deste trabalho. Vinicius é carpinteiro, tem 38 anos, é casado e tem filhos, era de Nova Laranjeiras/PR, mas devido a distância trouxe sua família a poucos dias antes da entrevista para Matelandia. Trabalha na construção civil pesada desde 2010. Os dois trabalham na construção da passarela.

Itaúna do Sul/PR é a cidade de onde vem 3 trabalhadores. Joarez trabalha na construção da trincheira como carpinteiro, tem 58 anos, é divorciado e tem filhos. Trabalha a 25 anos em trechos e está a 2 meses nesta obra. Junior, também trabalha neste trecho como carpinteiro, tem 30 anos e é casado, e a 8 anos trabalha em trechos de rodovias. Adevir, é o terceiro colaborador entrevistado da mesma cidade e com a mesma função, tem 36 anos e trabalha desde seus 20 anos com construção civil, é amasiado e tem 1 filho.

João é o colaborador entrevistado com mais tempo na empresa, 2 anos, é de João Alfredo/PE, tem 43 anos e há 20 anos trabalha em trechos, é casado e tem filhos. Mostrou parecer não gostar de estar longe de casa, mas está nessas condições por não tem emprego perto da sua moradia. Ele passou por uma cirurgia às pressas, foi operado e teve auxílio da empresa, mas ficou em recuperação na sua cidade, por conta disto foi possível observar o sofrimento em ter que voltar ao trabalho por ficar longe da sua família, gosto ele mesmo afirmou “eu nem queria vir mais depois que eu fiquei este tempo afastado”.

Na contenção da rodovia, trabalha José Pedro que é o único colaborador que mora em Matelandia, e o mais novo entrevistado, tem 19 anos e é casado e tem 1 filho, está trabalhando a 1 ano na empresa e é a primeira vez que trabalha na construção civil. Juntamente com Alberto de 23 anos, é casado e está a 3 anos em trechos sendo 1 ano e 10 meses nesta obra. Ele veio de Colonia do Gurgueia, no centro do Piauí. Pareceu não ver problema em estar fora de casa, mas comentou que acha ruim o tempo que demora em chegar à sua cidade, uma média de 3 dias de viagem.

Juvenal é o encarregado da armação, tem 53 anos e há 30 anos na construção civil, vem de Presidente Venceslau/ SP, é casado e tem filhos. Pode-se observar querer demonstrar

⁴ Os nomes citados são fictícios, com a intenção de manter o anonimato dos entrevistados.

que gosta da empresa. Assim como Ivan, também trabalha na armação da trincheira, é casado e têm filhos, sua cidade é Nova Laranjeiras/PR e está a 1 ano e meio na empresa e a 4 meses nesta obra.

5.2. PERCEPÇÃO DO PRAZER

Observamos que o trabalho pode exercer um forte potencial motivacional sobre as pessoas e outros contextos da vida. Esse potencial motivacional é traduzido exclusivamente pelo trabalhador em gostar do que faz e em transformá-lo em fonte de satisfação, bem estar e prazer. Assim como é relatado neste trecho da entrevista com Leonardo “cê podia ir no Alphaville, pegar serviço de porteiro, de segurança, mas é um serviço que se olha, para e pensa, será que é um serviço que eu vou me encaixar certo?! Porque aqui você se acostuma, você ta ali, vai ali, vai pra outro lugar. Lá não, você vai trabalhar vai ser no mesmo lugar, vai de cada um né!?” e também como salienta Ivan “não pretendo ficar em alojamento parado, pra mim estando no serviço é o que vale”

A vivência de prazer no trabalho, segundo Dejours (1996), é também uma vivência individual e/ou compartilhada por um grupo de trabalhadores, mas o foco é em experiências de gratificação. Essas experiências são provenientes da satisfação dos desejos e necessidades, da mediação bem-sucedida dos conflitos e contradições gerados em determinados contextos de produção de bens e serviços.

Em relação aos trabalhadores da construção civil pesada podemos observar que aparentemente pareça um trabalho sofrido, esses homens de pouco estudo, suor no rosto e mãos calejadas exercem suas atividades com prazer e satisfação. “Muita gente fala, ó, que serviço sofrido. Mas não é sofrido, é um serviço que você sai e você vê a diversão que ocorre.” (Leonardo). Comprovando a argumentação de Dejours (1996) que o prazer no trabalho é um dos caminhos para a saúde, uma vez que possibilita ao indivíduo a criação da identidade social e pessoal.

Sabemos que a maior parte da vida das pessoas se passa dentro dos seus postos de trabalho, ou seja, os trabalhadores convivem mais tempo com os seus colegas de trabalho do que com a sua própria família, no caso dos trabalhadores a qual esta entrevista foi direcionada existe um diferencial ainda maior, pois a maioria deles se deslocaram de outras cidades ou estados. Desse modo no convívio diário cada um com sua particularidade, sonhos e objetivos vão assim se identificando através de afinidades criando amizades e construindo

um ambiente de bem estar. “Você constrói uma família aqui queira ou não queira, você convive mais aqui do que com a própria família” (Leonardo)

Como cita Codo (1993 apud RODRIGUES, ALVARO, RONDINA, 2006) “O bem-estar está relacionado à idéia de ambiente gratificante e, assim, quando o mesmo é realizado em tal ambiência, leva os trabalhadores a gostarem do produto realizado” Assim como Alberto e Juvenal comentam: “é prazer, porque é a profissão que eu escolhi né, carpintaria [...] eu faço o que eu gosto, que é mexer com carpintaria”, “foi a minha primeira profissão na carteira né, que eu escolhi, então eu gosto de ser armador, gosto do que faço”

Segundo Garcia e Mendes (2004, apud CASTRO, 2008) o prazer deriva-se da conexão entre trabalho, necessidades e desejos psicológicos do trabalhador, obtendo esta satisfação conseqüentemente e um melhor funcionamento do aparelho psíquico do trabalhador. Portanto o prazer e sofrimento estão diretamente ligados à atividade executada e ao contexto da organização.

5.3. PERCEPÇÃO DO SOFRIMENTO

Reconhecendo a possibilidade de sofrimento a que todos os trabalhadores estão sujeitos, por se tratar de trabalhadores da construção civil pesada no segmento de estradas e rodovias, podemos observar que suas atividades são na maioria trabalhos braçais exigindo desses homens um esforço e desgaste físico visível, ficando eles expostos as variações climáticas (sol, chuva, poeira) sendo esses os possíveis fatores geradores de sofrimento. Até mesmo conforme citou José Pedro, como sendo sua maior dificuldade “mexer com um bocado de coisas diferentes” e Juvenal “ir trabalhar quando ta chovendo não é bom né, ninguém gosta, eu só gosto do frio quando ta fazendo calor”

Segundo Dejours (1994, apud JOB, 2003) “o sofrimento é inevitável e ubíquo. Ele tem raízes na história singular de todo sujeito, sem exceção. O desafio seria então definir quais as ações susceptíveis de modificar o destino do sofrimento e favorecer sua transformação (e não sua eliminação) quando possível.” Conforme afirma o entrevistado João, “nem tudo é prazer na vida né, mas eu mesmo me sinto feliz por tá trabalhando aqui, conheço muita gente dos trechos, de outros estados, Maranhão, São Paulo, Rio, Minas, Rio Grande, eu acho bom assim porque a gente conhece muita gente, a parte boa é isso”

Apesar da forma singular que cada trabalhador encara as mudanças e lidam com as adversidades da vida, durante a nossa pesquisa quando perguntamos se o trabalho nas suas vidas era visto como prazer ou sofrimento a distancia da família aparece como o principal

fator gerador de sofrimento entre a maioria dos entrevistados, conforme alguns depoimentos: “gosta, a gente não gosta muito não, mas é a opção que tem né, é o serviço que tem [...] pra mim ficar fora de casa, longe é um sofrimento” (Adevir), “a distância da família é o que causa sofrimento, certeza” (Junior), “ficar longe de casa é a pior parte” (Ivan). Isto acontece devido à necessidade de terem que deixar as suas cidades e ir em busca de empregos em cidades vizinhas ou ate mesmo fora do estado onde reside com a família.

Contudo, como podemos perceber a subjetividade do ser humano é única, e diferentemente dos seus colegas de trabalho, quando questionado Alberto sobre sentir falta de sua casa o mesmo respondeu “não, pra mim tanto faz, ta tranquilo”

5.4. FAMÍLIA

O trabalho e a família devem sempre andar juntos. Sem o trabalho a família não sobrevive. Por outro lado a família gera a motivação para se trabalhar. Entre os trabalhadores da construção civil observamos que o amor pela família e o desejo de oferecer aos filhos uma oportunidade de vida melhor, faz com que estes trabalhadores busquem forças para continuar executando as suas atividades. “A gente tem filho pequeno, ta estudando né, então o meu grande objetivo é ver eles crescer e se formar em alguma coisa né.” (Ivan)

Na maioria das conversas a família aparece como a base central da vida desses homens, “hoje o trabalho é família, é a base né, hoje meu trabalho eu me refiro à família. Eu não troco o trabalho pela minha família [...] o fundamento do meu trabalho hoje é para minha família” (Juvenal) e a sua relação com o trabalho é instantânea e muito clara, pois a sua manutenção só pode ser obtida com os recursos financeiros vindos do mesmo. Quando questionado Alberto sobre como vê seu trabalho, ele comentou: “vejo o trabalho até como forma de sobreviver né, ta difícil emprego, então, você escolhe uma função tem que exercer”

Nas entrevistas podemos constatar ainda, que a família e o trabalho são os fatores pelos quais se luta e se vive. Portanto, ainda que sofram por alguma determinada situação, a possibilidade de garantir as necessidades mínimas de conforto e crescimento material para os filhos faz com que estes trabalhadores não desistam e continuem a lutar. O trabalho é importante para dar significado a vida das pessoas, porém nesta balança que busca o equilíbrio entre família e trabalho certamente pende para a família, mas por outro lado a necessidade de trabalhar obriga estes homens a se distanciarem dos seus lares, pois é através do trabalho que esses indivíduos contribuem para a manutenção e sobrevivência de suas famílias. Junior afirma: “pra mim fica dividido entendeu, é um sofrimento e um prazer

porque você precisa de serviço também né, mas é sofrimento por tá longe da família”, assim como para Lucas: “ a gente fica longe porque é o jeito né”

Segundo Morin (2001), o “trabalho está claramente associado à noção de emprego, o salário que ele propicia permite prover as necessidades de base.” A inter-relação entre emprego e família é tão significativa que ao estudar o efeito da perda do emprego nas relações familiares das pessoas alguns pesquisadores propõem que a unidade de análise mais adequada para estudar o desemprego seria a família, e não o indivíduo (CALDAS, 2000, apud JOB, 2003).

5.5. ORGULHO PELA SUA OBRA

Em qualquer país a construção civil representa uma parcela importante do produto interno bruto, no Brasil este número representa 10%, mas não é somente na nossa arrecadação que esta atividade contribui, ela tem efeito significativo na empregabilidade das pessoas. Ainda mais por se tratar de uma atividade onde não requer uma mão de obra especializada, emprega trabalhadores que não possuem um grau de escolaridade elevado, são trabalhadores simples que trabalham de sol a sol para promover o sustento de suas famílias.

Nas entrevistas realizadas para elaboração deste artigo podemos observar que por trás dos emaranhados de ferros, armações de madeira, barulhos de máquina, poeira e sol forte, existem trabalhadores que acordam todos os dias e agradecem por ter um trabalho, conforme constata Joarez “o trabalho é tudo”.

Alguns trechos das entrevistas relatam bem o sentimento de orgulho quando vêem suas obras concluídas: “ver a obra pronta é sempre um prazer né. Isso aqui pode passar muito tempo e ainda vai ta aqui né. E nós vai lembrar que nós participou disso aqui” (Vinicius), “eu passei no shopping em São Paulo ai eu vi lá, a gente sente um orgulho né, o cabra fala assim né onde os outros tão pisando aqui, a gente deixou o suor nosso” (João), sobre o viaduto na Avenida Paraná em Foz do Iguaçu, a qual Ivan ajudou a concluir a obra: “ah ficou bonita né, ficou muito bonita. Foi a primeira de muitas que eu ajudei, foi a primeira que eu consegui voltar no lugar”, “cê passar, as vezes cê passar com um filho seu, se ta lá, amanhã tá viajando aqui no Paraguai, ai cê vê isso aqui e fala ‘ó filho, pai participou disso aqui ó, pai ajudou a fazer’, ou alguém da família, um colega, um amigo. Que a gente que trabalha, trabalha sempre nos lugar. Outro dia eu trabalhei em Londrina, Maringá, Brasília, o dia que eu for pra Brasília eu vou passar e falar: ó, isso ai eu ajudei, e é aquele prazer

imenso né. E também pras pessoas que moram na cidade né. Igual aqui, nós estamos construindo uma passarela aqui, travessia de uma pista pra outra, pra não passar, causar acidente. (Leonardo)

Segundo Mendes e Ferreira (2001, p.95) “assim, a forma como o trabalho é realizado permite a percepção da atividade como significativa ou não, influenciando o sentido particular que ela assume para cada sujeito, sendo a partir da construção deste sentido específico que emergem vivências de prazer e de sofrimento.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo a investigação da representação do trabalho na vida dos trabalhadores da construção civil pesada no segmento de estradas e rodovias diante de suas visões e interpretações ditas como “prazer ou sofrimento.” Para investigar essa temática foi realizada uma pesquisa com um grupo de dez trabalhadores que executavam a duplicação de um trecho da rodovia 277 no município de Matelandia/PR.

O entendimento do sentido e significado do trabalho só é possível se levarmos em consideração as relações e a organização do trabalho, que por sua vez são caracterizadas de acordo com a subjetividade de cada trabalhador, observando o ser humano como a sua imensa capacidade de construção e reconstrução. Diante disto, pode-se notar que os trabalhadores se submetem a adaptação de inúmeras adversidades que a atividade impõe, incluindo deixar suas famílias e partir onde estiverem emprego e manutenção de suas expectativas, superando a distância e a saudade dos filhos. Contudo, como vários colaboradores se encontram nesta mesma situação, eles acabam construindo amizades que se perpetuam por novos postos de trabalho.

Podemos concluir com esta investigação, que por trás desta grandiosa obra, estão grandes atividades e trabalhadores, onde se orgulham e tem prazer em deixarem seu tempo e conhecimento, além do suor do seu rosto, como fonte de prosperidade para o país e para suas famílias.

O dito “Prazer” e “Sofrimento” no trabalho não estão impostos pela atividade que executamos, mas pela visão que nós mesmos projetamos sobre o trabalho que executamos. Podemos constatar então, que muitos colaboradores classificaram o “sofrimento” associado a estar longe da família, em contra partida o “prazer” a gostarem do que fazem e a se sentirem orgulhosos pela sua obra. Logo, constatamos que “quando o trabalho é um prazer, a vida é uma alegria. Quando o trabalho é um dever, a vida é uma escravidão”. (Maksim Gorki)

Esperamos que com este trabalho, possa diminuir o estigma em prol de trabalhadores da construção civil pesada, assim como de todos os trabalhadores que se submetem a diferentes atividades das quais executamos. Como proposta de pesquisa, incentivamos a conhecer os bastidores dos motoristas de ônibus noturno, funcionários de hospitais 24horas, e qualquer outra função que desperte curiosidade e indagação, assim como esta investigada.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 9ª edição. São Paulo: Brasilense, 2012
- ARAÚJO, Rafaela A. V. **Abordagem qualitativa na pesquisa em administração: um olhar segundo a pragmática da linguagem**. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. 2013
- BRITO, Jussara da C. ET AL. **Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. v. 37, n.126. 2012
- CASTRO, Patricia M. **Prazer e sofrimento no trabalho: a vivência de profissionais de recursos humanos**. Faculdade Novos Horizontes, 2008.
- CHANLAT, Jean-François. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, p. 149-154. 1996
- DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro, 2001
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. 1995
- ESTERCI, Neide. **Escravos da desigualdade: um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Reestruturação da Economia e Imobilização da Mão-de-obra. p. 59-78. 2008.
- FERREIRA, Mario C. , MENDES, Ana M. **Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho**. Estudos de Psicologia 2001,6(1),93-104 Universidade de Brasília
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- JOB, Fernando P. P. **Os Sentidos do Trabalho e a Importância da Resiliência nas Organizações** São Paulo: EAESP/FGV, p.237. 2003
- MAHEIRIE, Katia. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade**. Interações. v.7 n.13, 2002.

- MANSANO, Sonia R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade.** Revista de Psicologia da UNESP, 8. 2009
- MARTINS, Ana C. A., OLIVEIRA, Gerson. **Trabalho: Fonte de prazer e sofrimento e as práticas orientais.** Disponível em: <
http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/fadiga_cap16.pdf>
- MAYA, Paulo. V. R. **Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica.** In: JACQUES, MGC., *et al.* org. Relações sociais e ética . Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 31-47. 2008
- MIRANDA, Luciana L. **Subjetividade: A (Des)construção de um conceito.** In: Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura. p. 29. Rio de Janeiro. 2005
- MORIN, Estelle M. **Os sentidos do trabalho:** RAE - Revista de Administração de Empresas 2001.
- MORO, Cibele V. M. AMADOR, Fernanda S. **O trabalho da gestão: notas sobre o poder e subjetividade.** Revista Psicologia Organizações e Trabalho. v. 15. n 2. 2015
- RAMMINGER, Tatiana. NARDI, Henrique, C. **Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault.** Interface Comunicação, Saúde e Educação. v.12, n.25. 2008
- RODRIGUES, Patrícia F. ALVARO, Alex L. T. RONDINA, R. **Sofrimento no trabalho na visão de Dejours.** Revista Científica Eletrônica de Psicologia. Ano IV. n.7, 2006
- ROIK Anderson. PILATTI Alberto. L. **Psicodinâmica do Trabalho: Uma Perspectiva Teórica.** Livro: A Engenharia de produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão. 2009
- SOARES, Leonardo B. MIRANDA, Luciana L. **Produzir subjetividades: o que significa?** Estudos e Pesquisa em Psicologia UERJ. 2009
- VERONESE, Marília V. **Subjetividade, trabalho e solidariedade.** Aletheia, n. 24. 2006
- WOLECK, Aimoré. **O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica.** Instituto Catarinense de Pós Graduação, S/D